

AMAZÔNIA Ministério diz que artigo na 'Science' não tem a chancela do Inpa e que faz exercício inconsistente de futurologia

MCT desautoriza estudo de desmatamento

DA SUCURSAL DE BRASÍLIA

O Ministério da Ciência e Tecnologia classificou de "futurologia ecológica" um estudo sobre o desmatamento da Amazônia publicado na última edição da "Science" (www.sciencemag.org).

Em nota divulgada no final de semana, o ministério diz que "não há nada, metodologicamente, que possa dar consistência a uma projeção de desflorestamento (da Amazônia) de 42% em 20 anos".

A pesquisa aponta como cenário pessimista um desflorestamento de 42% nos próximos 20 a 30 anos —cerca de 1,5 milhão de km² (atualmente, o índice de desmatamento é de 13%). Apenas 4,7% da mata nativa ficaria intacta. Num cenário mais otimista, o desmatamento seria de 28%.

O MCT contesta na nota a participação do Inpa (Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia), ligado ao ministério, no trabalho.

O estudo, noticiado pela *Folha* com exclusividade em novembro passado, tem como principal autor William Laurance, pesquisador do Inpa e do Smithsonian

Tropical Research Institute.

A nota afirma que Laurance é pesquisador apenas do Smithsonian, com sede no Panamá. "A sua vinculação com o Inpa deriva da existência de um projeto comum entre o Smithsonian e o Inpa", diz a nota.

A principal causa do desmatamento futuro seriam os investimentos do programa Avança Brasil, do governo federal, na abertura e pavimentação de 6.000 km de estradas, muitos em regiões da Amazônia com vegetação nativa.

Os pesquisadores calcularam o desmatamento por quilômetro de estrada nas décadas de 70 e 80, quando foram realizadas as maiores obras (como a da Transamazônica), e projetaram os dados para as metas do Avança Brasil.

O MCT trabalha com uma média de desflorestamento de 17 mil km² por ano. Se a média for seguida, em 2020 a Amazônia teria perdido 25% da sua cobertura nativa.

O Ministério do Planejamento, responsável pelo Avança Brasil, procurou a equipe do Inpa para discutir formas de evitar as projeções catastróficas do estudo.

Cientista afirma que pesquisa é rigorosa

DA REDAÇÃO

O autor principal do estudo, William Laurance, discordou da nota do Ministério da Ciência e Tecnologia, dizendo não saber "como qualquer pessoa razoável poderia descartar com facilidade os nossos achados".

Ele afirmou à *Folha* que o MCT parece usar a estratégia de "julgamento por localização geográfica". "Como alguns dos autores da pesquisa são filiados a instituições não-brasileiras, a nossa pesquisa seria menos confiável. Entretanto, a pesquisa é um esforço conjunto de Brasil e EUA e o MCT deve saber que a diretoria do Inpa (Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia) apóia fortemente o nosso trabalho", disse

Laurance, que vive em Manaus há cinco anos e integra o departamento de ecologia do Inpa.

Para o pesquisador, esforços para prever o futuro sempre serão difíceis e controversos. Mas, aponta ele, neste mês, duas equipes distintas de pesquisa publicaram análises em revistas científicas de prestígio sobre os impactos do Avança Brasil. Apesar de terem abordagens diversas, os resultados das duas pesquisas seriam qualitativamente semelhantes.

"O MCT não apresenta apoio específico para a afirmação de que o nosso modelo não-otimista é sem fundamento. Ele pode debater detalhes específicos dos nossos modelos, mas a nossa conclusão geral está rigorosamente fundamentada."

Patricia Delamônica, co-autora do estudo, afirmou que projeções sempre são discutíveis. "O debate é saudável, mas não a questão política. Não é verdade que são americanos falando isso da Amazônia."

Fonte	AMBIENTAL
Data	22/1/2001
Pg	A 10
Class.	
Documentação	